

**ANA SUY
E CHRISTIAN
DUNKER**



**EU SÓ EXISTO
NO OLHAR DO
OUTRO?**

**Um encontro entre psicanalistas
para pensar o amor
e a existência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA **PAIDÓS**

**ANA SUY
E CHRISTIAN
DUNKER**

**EU SÓ EXISTO
NO OLHAR DO
OUTRO?**

**Um encontro entre psicanalistas
para pensar o amor
e a existência**

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Ana Suy Sesarino Kuss, 2025
Copyright © Christian Ingo Lenz Dunker, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Fernanda França e Caroline Silva
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Ilustrações de miolo (p. 165 e 192): Freepik
Capa: Filipa Damião Pinto (@filipa_) | Estúdio Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Suy, Ana

Eu só existo no olhar do outro? : um encontro entre
psicanalistas para pensar o amor e a existência / Ana Suy,
Christian Dunker. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
192 p.

ISBN 978-85-422-3414-5

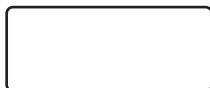
1. Psicanálise 2. Filosofia 3. Amor I. Título II. Dunker, Christian

25-1132

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise



Ao escolher este livro, você está
apoiando o manejo responsável
das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Nota à edição [14]

PARTE UM

O que significa existir?

Eu só existo no
olhar do outro? [19]

Sério: quem sou eu? [24]

A gente está o tempo
todo fingindo? [26]

Conhecendo
o outro melhor [31]

PARTE DOIS

O outro que não é a gente

São necessários
muitos outros para
eu me encontrar? [41]

Quando o outro deixa
de me amar... [50]

Só existimos porque
o outro diz que
nós existimos? [57]

PARTE TRÊS

O olhar do outro

Estamos
constantemente
elaborando
lutos? [71]

Psicanálise
como ciência [73]

E o outro,
quem é? [78]

Eu quero
ser o outro? [87]

PARTE QUATRO

Descobrir-se na relação com o outro

Estamos o tempo
todo querendo
ser amados? [97]

É preciso se amar
primeiro antes de
amar o outro? [108]

A projeção dos nossos
ideais e expectativas
no outro [130]

Para quem mostrar a nossa
melhor versão? [135]

Pergunte e descobrirá algo
importante sobre si [152]

Notas [166]

Glossário [174]

Nomes citados [180]

Eu só existo no olhar do outro?

CHRISTIAN: Acredito que sim, mas só para a modernidade. Só pra uma época e pra uma inflexão, assim, de cultura em que se coloca o problema da existência individualmente. Se formos pensar em outros contextos, por exemplo, dos povos originários, é um outro, e é um outro sentido de outro. É um outro sentido de eu, de *eu existo*, mas valendo para a modernidade e com uma ressalva, que é esta: o que significa existir? Há coisas que existem, há entes que existem, há objetos que simplesmente estão. E existir, para Lacan, é uma questão que a gente discute pouco, certo? “A mulher não existe”, “O outro não existe”,¹ que conceito de existência está em jogo? Porque se eu fosse ser trivial: a mulher não existe, então, por que vocês estão falando? Qual é a questão? Para que serve? Como se fosse simplesmente um nada. Mas uma ausência, por exemplo, não é um nada, muito menos um acontecimento indiferente. Mas, como ponto de partida, diria que sim, nos descobrimos como “nós mesmos” quando nos reconhecemos no olhar do outro. Isso é da estrutura do eu. Ele é outro, ele mesmo e sua sombra, ele mesmo e seu duplo, ele é como ele se vê sendo visto pelo outro. Isso é um fato insuperável no que chamamos consciência de si.

O que
significa
existir?

ANA: Eu fico enroscada no “eu e no outro”: por que é que eu só existo no olhar do outro? Prescinde do pressuposto de que há uma separação, então; o *eu* e o *outro*. E isso, para mim, já não é óbvio. Então eu enrosco um pouco, porque sinto que essa pergunta já aponta para quanto de ficção tem no “eu” e quanto de ficção tem em uma separação para que haja o “outro”. Então é essa a aposta que a gente faz, porque precisamos fazer essa aposta de que nós somos separados do outro, certo? Porque senão tudo vira uma bagunça. Ou melhor, não vira, mas tudo fica claramente bagunçado demais. Então a gente precisa da ficção dessa separação. O que a psicanálise vai apontar é, justamente, que essa ficção – ela é uma ficção, não é mentira – não é uma ilusão absoluta. Só que não temos como tirar a prova real disso. É que nem quando a gente fala, nas psicologias do desenvolvimento, que têm essa ideia da célula narcísica de que mãe e bebê são um só, e que depois o bebê e a mãe se separam... Às vezes, dá a sensação de que se o pai chegar só lá pelos 5 anos da criança, está tudo bem. Antes, ninguém precisava de um terceiro.

CHRISTIAN: Chama o pai! Chama o síndico!

ANA: Exatamente. Porque antes eles eram felizes, eram um só. E a coisa não é bem assim; aliás, está distante de ser isso. Tem um mal-estar ali, ou seja, tem alguma coisa que dá indício de uma separação desde muito cedo. Penso, então, que a gente

vai nomeando e organizando isso em um estatuto simbólico e imaginário – e aí sim chegamos nessa afirmação de que “Eu só existo no olhar do outro”.

CHRISTIAN: Você está me lembrando de que isso também tem uma cláusula de aplicação que valeria para o mito da criança muito pequena, em que ela só existe enquanto eu, que se forma a partir do olhar materno, o olhar daquela pessoa que cuida e que instala esse eu como outro. Afinal, tem o dito lá de Rimbaud: “O eu é um outro”. Mas aí, me pergunto: é um outro pequeno ou grande?² Tem o eu pequeno, o eu grande; o outro pequeno ou outro grande, certo? Uma pergunta a quatro, não a dois.

ANA: Com isso me ocorre a afirmação winnicottiana, que fala daquilo que não existe. Lacan disse que a mulher não existe; Winnicott vai dizer: “Isso que vocês chamam de ‘o bebê’ não existe”.

CHRISTIAN: É verdade, é verdade! Mas vamos pensar nesse circuito, o da garrafa de Klein, onde você tem um interior que se comunica com o exterior. Podemos ter uma intuição deste objeto, ao imaginar uma garrafa dotada de um gargalo de borracha flexível e elástica a ponto de que tomamos o gargalo e fazemos ele transpassar o “pescoço” para dentro da garrafa, e o soldamos do bojo da garrafa. A cada momento existe um dentro e fora definido pelo vidro que separa dois pontos no espaço. Mas quando temos o espaço como uma totalidade,

percebemos que o fundo da garrafa é aberto e o gargalo da garrafa é fechado. É mais ou menos assim que sabemos que existimos sem o outro, pois estamos presos em nós mesmos, mas ao mesmo tempo a linguagem e o olhar nos conecta com o outro, quando consideramos o espaço como um todo.

ANA: E isso existe?

CHRISTIAN: Ou pode ser que a gente diga assim: o que existe é o que está dentro. Então, trata-se do eu, da essência, certo? Mas se o que está dentro também está fora, você corrompe um pouco essa distinção entre... bem, a distinção clássica entre existência e essência. A existência é, digamos, um pouco como uma figura daquilo que aparece; e a essência, como o que está por trás do que eu estou vendo. Então Lacan e Winnicott estariam repetindo essa ideia de que no começo estamos iludidos, de que o mundo é aquilo que eu vejo e, portanto, o que o mundo vê em mim é o que eu sou.

ANA: É. Creio que é um pouco do estatuto do imaginário, não? A gente olhar pra isso e dizer: sim, isso é fora; isso é dentro. E, ao nos aproximarmos, percebemos que não é bem assim...

CHRISTIAN: Que tem um buraco.

ANA: Opa, o buraco era pra ser dentro e está fora, né? E assim as coisas, as fronteiras, ficam borradas. E voltamos a Rimbaud: “O eu é um outro”.

Sério: quem sou eu?

ANA: Como não enlouquecer, é isso?

CHRISTIAN: Você está colocando a loucura, e eu acho isso pertinente, como uma experiência de perda, certo? A pessoa que está perdida, em geral, não está parada e perdida, mas em movimento. É a figura do Louco Errante, do louco da *Stultifera Navis*; da loucura como alguém que – olha só! –, ao voltar para a garrafa, está fora de si.

ANA: Perfeito.

CHRISTIAN: O certo é voltar para a casinha, não é isso? Algo como estar dentro de si é bom, mas estar fora de si, não. Pois fora de si você estaria, digamos, perdido de si. Então não estamos mais lidando com o alienado, mas com o exilado, certo? Como se a nossa existência fosse uma errância, como se estivéssemos à procura de qual é o nosso lugar. Me pergunto, então, se o lugar que estamos procurando é o lugar em que eu deixei de ser louco. Será que esse que é um bom lugar? Se eu não estou mais perdido, estou encontrado. Me sinto reconciliado, assim como aqueles poetas românticos depois de fazer muita bagunça na vida: “Finalmente encontrei o meu ser!”. Sinto que bastante gente aproxima um pouco a experiência psicanalítica dessa narrativa.

ANA: Com certeza. Essa ideia do autoconhecimento, né?

CHRISTIAN: Do autoconhecimento, e do autocontro também. Descobrir que aquilo que eu era estava baseado numa farsa, numa impostura, num complexo de inautenticidade. E, talvez, tenhamos de levar isto em conta: uma das coisas que nós temos que resolver, ou encaminhar, ou tratar, é o problema posto desta maneira. Como podemos fazer para as pessoas se encontrarem? É como se dissessem para mim algo como: “Christian, você está muito perdido, falando coisas demais, escrevendo muitos livros. Você tem que voltar a si, ser quem você é. Você meio que virou um personagem”.

ANA: Eu acho isso engraçado. Como temos esses ditos de senso comum, e um de que a gente gosta bastante é o tal do “seja você mesmo”. Então nos dizem isso quando pedimos um conselho a alguém (de preferência alguém de quem a gente goste). E geralmente uma pessoa que gosta da gente gosta do jeito que a gente é, né? *Espera-se.*

A gente está o tempo todo fingindo?

CHRISTIAN: Eu creio que sim, talvez no sentido de *Theatrum Mundi*, da própria ideia de representação, uma de suas divisões subjetivas é entre o público e o privado. Uma coisa que vemos muito na depressão, na luta do sujeito com a depressão, frequentemente aparece algo assim: “Eu sinto que não vou conseguir mais fingir” ou “Não vou mais conseguir levantar e dar aquele sorriso, nem mesmo dar bom-dia ao chefe”. E isso porque a vida, nesse sentido, ela é, e vai se tornando, por mais horrível que a ideia pareça, um teatro. Mas tem máscaras, tem personagens, tem roteiros, tem papéis, tem diretores de cena, tem coreógrafos, tem músicos, não acha? Tudo isso, eu sinto, define que a vida é um teatro, mas também que ela não é só um teatro. O teatro é uma dessas estruturas de ficção a partir das quais nós pensamos nossa verdade, divididos entre o público e o privado. Fracionados entre sermos personagens, atores e autores de nossa vida enquanto teatro; palco e mundo, representação e vida real, metáfora ou vida literal. Isso não quer dizer que estamos fingindo, mentindo, afinal, o ator pode fingir a dor que de fato sente. Quando confessamos que estamos mentindo, estamos mentindo ou dizendo a verdade? A garrafa de Klein mais uma vez, pois as

duas coisas, contraditórias, são verdadeiras. E você precisa se resolver: tanto sua posição no teatro do mundo quanto sua posição no mundo. Acho que o que a gente critica, quando diz que tudo é fingimento, é o pensamento de que não há nada a não ser o teatro, mas não, *não*: a vida é teatro, mas não só isso; tem ainda amor e solidão.

ANA: Eu sinto que a palavra fingimento, que dizer que tudo é fingimento, põe as coisas em uma perspectiva muito destituída de importância; pejorativa, até. Acusar o outro de estar fingindo, dizer que isso é *fake* e aquilo é falso, é como ter a posse da certeza de que há um verdadeiro por trás, concorda? Então existe o falso e esse falso oculta o verdadeiro. E aí eu penso que a gente encontra uma certa novidade na experiência analítica: o fato de que não é exatamente *falso*, mas uma brincadeira. Então é como se a vida fosse uma grande brincadeira, e o sujeito que está na posição depressiva é justamente aquele que está impedido de brincar. E isso acontece porque a brincadeira não tem mais graça. E só conseguimos fazer, só conseguimos brincar, se tivermos uma relação com a linguagem, de saber o que é isso, mas não ser tão *isso*. Porque como Freud disse: “Brincadeira é uma coisa muito séria para as crianças”.³ Então, ao vermos uma criança brincando, percebemos que ela está fazendo uma coisa muito

séria, mas ela não está delirando nem alucinando, ela sabe que aquilo é uma brincadeira.

CHRISTIAN: E criança não gosta de quem chega e não sabe brincar direito, de quem mela a brincadeira, ou seja, quem não se comporta conforme aquele universo definido por ela, aquele “como se”.

ANA: Exatamente. Esses “como se”, que eu acho que tantas vezes na vida adulta, nos jogos de relacionamento, de trabalho, de tudo, ficam muito sérios, sérios demais, no sentido de muito supostamente *verdadeiros*, muito carregados dessa ideia de verdade, da definição de uma única verdade absoluta. De só poder ser aquilo: ou tudo ou nada. E aí, convenhamos: não tem mesmo como ter graça.

✿ ✿ ✿

CHRISTIAN: Hoje a gente tem muita discussão sobre o patriarcado e a psicanálise, o pai e a função do pai, mas acho que essa discussão está encobrindo um pouco que o conceito de origem é na metáfora paterna. Ou seja, a grande intuição de Lacan, e a gente está falando sobre isto: metáfora. A vida como teatro, a vida como jogo, a vida “como se”, como brincadeira, traduz o quê? Que a metáfora é um metaorganizador. E aí você me pergunta: “Então pode haver metáforas não paternas?”. Também! Metáforas delirantes? Pode ser que a gente desenvolva outras implicações da metáfora,

pode ser que tenhamos formas e mundos específicos e organizados pela filiação ao nome do pai e por aí vai. E isso que você está dizendo é um tanto esquecido, porque antes de paterna tem a metáfora, certo? E isso se junta ao que você falou sobre a verdade. E o que Lacan vai dizer sobre a verdade? Que a verdade tem estrutura de ficção. Então não é porque se está numa brincadeira que não haja verdade. Veja: se está no “como se”, não há verdade? Se está no teatro, não tem verdade? Eu acho isso extremamente importante e difícil de transmitir experiencialmente na clínica, por que o que é transferência? É um “*como se*”.

ANA: E aí, voltando à pergunta: Eu só existo no olhar do outro? Talvez *não*, mas é como se *sim*. É como se fosse, não acha? Pois, afinal de contas, se não tem um outro ali pra me constituir com essa ideia de que eu estou separado de um outro, não tem como, né?

CHRISTIAN: Sim, sim. E você pegou um caminho interessante, porque volta numa das sessões da ficção, que é a hipótese. Assim, só existir no olhar do outro supõe uma hipótese, uma conjectura, um “como se”: este *outro* está *me* vendo. É uma espécie de saída de si e, assim, é o eu como se fosse o outro. E aí começa a bagunça... Porque a gente se confunde entre mundo e teatro e começa a achar que consegue mesmo se colocar no lugar do outro. E isso é que é louco.

Conhecendo o outro melhor

CHRISTIAN: Ana, eu queria perguntar a você se isso também se confirma na sua experiência clínica; cada vez mais me vejo intervindo numa direção que, assim... Você já ouviu falar em namorar? Namorar é uma prática histórica pra gente definir as coisas, é o momento em que você vai conhecer a pessoa. Ou seja, é um período *intermediário*, não é um casamento.

ANA: É um “como se”...

CHRISTIAN: É um “como se” e é também um processo, concorda? E eu sinto que as pessoas desaprenderam completamente a arte de namorar, desaprenderam a se apresentar, tipo “Olá, me chamo Chris. Que bacana, você está aí, eu estou aqui; vamos fazer um test drive”. Nada, isso se tornou uma engenhoca, das mais pré-organizadas, tão mescladas. É só um namoro: às vezes, dá certo; às vezes, dá errado; e se tenta outra vez e outra vez, e segue-se em frente. Isso não diz nada sobre o buraco mais íntimo do nosso ser.

ANA: Interessante você trazer isso. Eu vejo que são tantas as defesas, que a gente acaba tendo essa proliferação, esse excesso de nomes. Muitas nomenclaturas para não dizer que está namorando – sério demais, não é? Então diz-se que vai sair com alguém. São muitas entrevistas feitas para se

dizer como é que eu sou, como o outro é. Na verdade, o que está em jogo aí é justamente como *não* se apresentar ao outro, né? Quando nos esforçamos muito para nos apresentar, o que tem por trás é o que não queremos que apareça.

CHRISTIAN: São muitas entrevistas para não se apresentar para o outro! Isso é o mau teatro: é o teatro dentro do teatro.

ANA: O teatro dentro do teatro: para mim, tem a ver mais com o fingimento, mas não necessariamente fingimento deliberado. Tem uma arquitetura nisso, na coisa de “como é que eu vou demonstrar a minha melhor versão?”.

CHRISTIAN: É! Engraçado, porque quando ouço essa frase, sempre escuto *aversão*, a minha melhor *aversão*. Como é que eu vou ser esse objeto de *aversão*, que é essa preocupação da minha melhor versão ser a menos pior.

ANA: *Aversão*! Além disso, ainda tem o outro – que por si só é, também, todo um universo. Então isso tem a ver com a dificuldade de brincar, mesmo. Aí cai nessa coisa de performance, de fingimento, de que se a gente tivesse uma verdadeira essência e essa essência pudesse ser alcançada com o autoconhecimento, com esse autoconhecimento a gente chegaria na nossa melhor versão. E aí tudo funciona: “a relação sexual existe”⁴ e as metades da laranja se completam. Melhor não! Certo? Porque,

na sua melhor versão, você não precisa do outro; nela, você é autossuficiente.

CHRISTIAN: Eu acho que também tem o teatro, o autoengano do lado de cá. Da pessoa que sabe tudo isso, mas não muda nada. Na boca do caixa, continua insistindo que “agora vai!”. E isso porque estou no meu esplendor narcísico maior: o outro diz isso, e *eu sei*. E acredito que ficamos com essa ideia do conhecer bíblico; há uma sabedoria perdida aí, que é o simples fato de que conhecer alguém leva tempo.

Conhecer
alguém
leva tempo.

CHRISTIAN: Tudo aquilo que você conhece de uma vez, numa batida de olhos, obviamente está deixando de fora algo desconhecido, mas é exatamente por causa disso que acreditamos em “amor à primeira vista”. Ele só pode acontecer como uma espécie de metáfora da entrega ao desconhecido. Mas nós fomos parar – eu acho que a partir da linguagem digital, a partir de uma certa aceleração dos modos de relação – na coisa do “preciso de tempo pra respirar”, “preciso de tempo pra checar tal coisa na minha fantasia”, “preciso de tempo para reformular aquela coisa nos meus ideais”, e esse tempo subjetivo, que passa quando você conhece alguém no sentido bíblico, não pode ser abreviado. É como o luto: abreviou, deu ruim.

ANA: E uma coisa não exclui a outra. Conhecer alguém é elaborar um luto pela pessoa que você queria que ela fosse, não pela pessoa que ela é. A gente precisa de tempo, pois as duas coisas acontecem simultaneamente. Ao ter tempo para poder elaborar a perda desse objeto que você pensou que existia, você não só vai se deparando com o fato de que ele não existe, como entende que vai precisar de tempo para confeccionar um certo substituto.

CHRISTIAN: Ana! Agora você criou uma chave aqui: a melhor versão é a segunda, nunca a primeira. Fique com a segunda. Guarde a segunda versão.

ANA: Não é por aí o complexo de Édipo?

CHRISTIAN: Eu acho que é por aí, é por aí, sim. Se tudo der certo, você se apaixona; mas, se você se apaixona, tem a melhor versão idiota de si mesmo com o outro. Se isso acontece, você também aceita ser vestido como o outro do outro. E o outro do outro é profundamente diferente do outro de si mesmo. Por exemplo: posso achar que meu outro é uma versão mais inteligente, mais forte e mais bonita de mim mesmo. Contudo, para o meu outro, meu parceiro, amigo ou amante, segundo a perspectiva dele, meu outro deveria ser mais humilde, menos arrogante e pretensioso. Temos, então, como ponto de partida, a equivocação dos outros. Mas se tudo der certo dentro do

certo, aquilo cai, vira bagunça e é essa a hora da segunda versão.

ANA: Que também é uma ficção.

CHRISTIAN: Mas é uma ficção que passou por um moedor de carne. Passou por um rebaixamento, por um confronto com a realidade, vamos dizer assim.

ANA: Tem bastante trabalho; é menos idiota. Passou no *teste de realidade*.

CHRISTIAN: Isso mesmo: passou no teste freudiano que te habilita a dirigir o seu coração. E ainda tem uma coisa, que é o paradigma da segunda versão: sempre é o que a gente não espera – em alguma medida. E a questão é que, nessa hora, você pode dizer: “Não, eu vou ficar com a consolação. Ahhh... O prêmio menor, um reles substituto do que um dia eu pensei, quis e amei”. Ou você pode dizer: “Não! Eu vou em frente. Eu vou cobiçar mais, eu vou querer a primeira versão mesmo”. Daí eu acho que a pessoa se ferra.

ANA: Parece que há boatos de que fica exaustivo.

CHRISTIAN: Há boatos...